

“NAVEGANDO” ENTRE ACERVOS MUSEOLÓGICOS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Elenora Nobre Machado

elenora.cultura@gmail.com

Luis Fernando Sayão

lsayao@cnen.gov.br

Carlos Henrique Marcondes

Apresenta a Rede Web de Museus do Estado do Rio de Janeiro enquanto política que objetiva ampliar o acesso aos acervos dos museus do estado através da disponibilização deste e de suas imagens no portal Web da Rede. Discute as potencialidades da Web para os museus como meio de alcançarem um público mais amplo e necessidade de considerá-la nas políticas museológicas. Mecanismos de cooperação e fomento da Rede são descritos e a sua plataforma tecnológica – um sistema de base de dados Web compartilhada, voltado para a disponibilização de acervos e suas imagens, e para sua gestão, é apresentada. Futuros desenvolvimentos da Rede, como organização e a criação de novas funcionalidades para o sistema, como exposições e aulas virtuais, são apresentados.

Palavras-chave: Museus na Web, Base de Dados Museológica, Gestão de Acervos, Documentação Museológica.

1. INTRODUÇÃO

A Web é cada vez mais onipresente nas atividades humanas, sejam elas educacionais, econômicas, políticas, sociais ou culturais. Naturalmente que a Web não deixaria de influenciar os museus e a maneira como desenvolvem suas atividades.

Estudo desenvolvido pelo Instituto Nacional de Museus e Serviços de Biblioteca dos EUA em 2008 sobre a utilização de museus e a Internet (<http://interconnectionsreport.org/>), concluiu que “the amount of use of the Internet is positively correlated with the number of in-person visits to museums.” Assim, pode-se esperar que a Web, por si só, represente um incremento na visitação e divulgação dos museus. Mas a Web tem um potencial muito maior para as instituições de preservação da memória e cultura e para os museus em especial.

A Web e os formatos digitais de conteúdos tornam os museus e seus acervos acessíveis a um público muito mais amplo do que seria possível num museu presencial. A Rede vem se tornando um instrumento sem precedentes para a disseminação desses acervos, a um público cada vez muito mais amplo, a qualquer hora, de qualquer lugar, através de dispositivos como computadores convencionais até “smartphones” (HSI, 2002). A Web pode contribuir assim para democratizar o acesso a estes conteúdos, antes só disponíveis ao público presencial. A possibilidade de disseminarem seus acervos através da Web amplia os papéis e justificativas sociais, educacionais e culturais dos museus. Hoje se torna cada vez mais necessário que os museus levem em conta a Web e suas possibilidades em suas políticas.

A Rede Web de Museus do Estado do Rio de Janeiro tem como objetivo ampliar o acesso aos acervos dos museus do estado através da disponibilização de seus acervos a partir do portal Web da Rede (<http://www.museusdoestado.rj.gov.br/>). Neste sítio usuários podem consultar os acer-

vos de diferentes museus do estado através de palavras-chave digitadas num formulário de busca. São recuperadas fichas das peças que correspondam às palavras-chave, juntamente com uma ou mais imagens das peças. A plataforma tecnológica da Rede, o SISGAM – Sistema Web de Gestão de Acervos Museológicos –, é uma plataforma colaborativa que permite aos museus membros da Rede compartilharem uma base de dados comum, disponibilizarem seus acervos na Web e gerenciarem os acervos de cada museu, utilizando padrões e metodologias comuns. Fichas de cada objeto catalogado podem ser associadas a imagens digitais do mesmo. Uma vez catalogadas as peças e suas imagens podem ser consultadas a partir do portal.

Este trabalho tem como objetivo apresentar a Rede Web de Museus do Estado do Rio de Janeiro enquanto política para viabilizar a cooperação entre museus do estado para ampliar o acesso aos seus acervos dos museus através da Web. O trabalho está organizado da seguinte maneira: na seção 2 é discutida a importância da Web e a necessidade destes considerarem a Web na formulação de suas políticas; na seção 3 é apresentada a Rede Web de Museus do Estado do Rio de Janeiro, sua proposta, seus objetivos e seus instrumentos; na seção 4 são apresentadas as funcionalidades da plataforma Web da rede; por fim, na seção 5, são apresentadas as considerações finais e os desenvolvimentos futuros da Rede.

2. MUSEUS NA WEB

Como o estudo mencionado anteriormente confirma, a Web aumenta a visitação aos museus. Ferramentas como Facebook e Twitter permitem hoje aos museus terem milhares de “seguidores” e divulgarem assim suas atividades e muitos museus, de fato, já as veem utilizando. Contudo, a possibilidade de alcançar um público muito mais amplo que o público presencial é a maior potencialidade trazida pela Web. Esta potencialidade vem sendo explorada, a exemplo do que já existia para outras instituições de memória e cultura como as bibliotecas, por exemplo, para criação de catálogos “online” dos acervos e também, exposições virtuais.

Catálogos museológicos na Web são ferramentas de busca que contêm registros de objetos da coleção do museu. Podem contemplar a coleção inteira ou estarem segmentados por subcoleções ou exposições específicas. Além disso, na maioria das vezes, entradas dos catálogos são acompanhadas de imagens dos objetos, permitindo a experiência com coleções museológicas a um público muito mais amplo.

Variantes dos catálogos “online” são as exposições virtuais, sobre temas ou coleções específicas. No momento em que este trabalho estava sendo escrito uma pesquisa aleatória com o tema “virtual museum” na ferramenta de busca Google permitiu identificar: “Online Tours”, British Museum, (http://www.britishmuseum.org/explore/online_tours.aspx); “Online Tours”, Louvre, Paris, (<http://www.louvre.fr/en/visites-en-ligne>); Virtual Tour do National Museum of

Natural History, EUA, (<http://www.mnh.si.edu/panoramas/>); exposição do escultor americano Alexander Calder, na National Gallery of Art, Washington, EUA, (<http://www.nga.gov/exhibitions/calder/realsp/room1-enter.htm>), as “Online Exhibits” do Museum of the History of Science (<http://www.mhs.ox.ac.uk/exhibits/>).

A Web também trouxe a possibilidade e o novo conceito de Web museums, aqueles que não têm uma existência física e só realizam suas atividades através da Web. Estes museus reúnem coleções de imagens de objetos específicos, como o The Virtual Diego Rivera Web Museum (<http://www.diegorivera.com/>), o Museu da Pessoa (<http://www.museudapessoa.net/pt/home>), ou, o que é bastante inovador, fichas e imagens de objetos que pertençam a diferentes museus num único sítio Web; exemplos são o Web Museum (<http://www.ibiblio.org/wm/>) e a Web Gallery of Arts (<http://www.wga.hu/>).

A Web também amplia a capacidade dos museus se comunicarem entre si e articularem suas atividades. Várias redes de museus articulam-se através da Web, com finalidades diversas, como projetos educacionais conjuntos (The Museumnetwork, <http://www.museumnetworkuk.org/elearning/>), busca de oportunidades de fundos e financiamento (NEMO – Network of Museums Organization, <http://www.ne-mo.org/>), cooperação técnica (Spectrum, <http://www.collectionstrust.org.uk/spectrum>), cooperação internacional (Ibermuseus – Rede de Museus da Ibero-america, <http://www.ibermuseum.org>). Um projeto que se assemelha à proposta da Rede Web de Museus do Estado do Rio de Janeiro é o catálogo coletivo **Artefacts Canada**, de acervos de museus canadenses, mantido pelo CHIN – The Canadian Heritage Information Network –, <http://www.pro.rcip-chin.gc.ca/artefacts/index-eng.jsp>.

Juntamente com novas possibilidades a Web traz também novos desafios para os museus, ampliando as perspectivas profissionais e necessidades de capacitação para enfrentar estes desafios. Tópicos como arquitetura de informação de sítios Web de museus, digitalização e registro fotográfico de acervos, curadoria e preservação dos novos acervos digitais, são demandas cada vez mais urgentes a serem incluídas na agenda de formação e capacitação dos profissionais de museus. Desafiante também é a possibilidade trazida pela Web e pelas tecnologias da assim chamada Web semântica, de integrar acervos de instituições arquivísticas, bibliotecas e museus (RINE-HART, 2003), (AUTOR, 2012).

As potencialidades que a Web traz para os museus vêm sendo discutidas sistematicamente no evento anual “Museums and the Web” (<http://mw2014.museumsandtheweb.com/>). O evento ocorre sistematicamente desde 1997 e este ano ocorreu sua 18ª. edição.

3. A REDE WEB DE MUSEUS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Como foi visto o advento de novas tecnologias de informação transformaram a forma de comunicação do museu com seu público. Depositários de privilegiados aspectos do passado, mu-

seus são levados a procurar os novos caminhos oferecidos pelas tecnologias Web para se fazer representar ou realizar seus programas em um ambiente virtual, integrando-os com um público novo, acostumado à velocidade quase instantânea e à realidade virtual, através de redes e sistemas integrados.

Ao lado das novas funcionalidades de integração com o público o museu continuou a realizar o tratamento técnico de seu acervo, documentando-o e tratando adequadamente as suas informações, atividades fundamentais para o gerenciamento e segurança desses acervos, facilitando a sua disponibilização, acesso e disseminação.

Em consonância a essa nova realidade e atentos a necessidade de um controle eficaz de seus acervos, em 2008, a Superintendência de Museus da Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro (SEC) e a Fundação Anita Mantuano de Artes do Estado do Rio de Janeiro (FUNARJ), desenvolveram o projeto **REDE DE MUSEUS**.

Com o patrocínio da Oi, através da Lei de Incentivo à Cultura, e apoio do PRODERJ¹, o projeto **REDE DE MUSEUS** teve como principais propostas: interligar através da Web os acervos das unidades museológicas vinculadas a FUNARJ/SEC, acessíveis através de um navegador comum, migrar para um novo sistema de gerenciamento de acervos museológicos e atualizar a base de dados de suas unidades disponibilizando-a através de sua página institucional.

Essas propostas visaram ampliar, utilizando as facilidades da Web, o potencial cultural, artístico e educativo dos acervos dos museus, tornando os seus conteúdos informacionais acessíveis a um público mais amplo. Além disso pretendeu otimizar o controle e a segurança das coleções desses museus.

O **SISGAM**, plataforma de gestão e registro de acervos, desenvolvida neste projeto, foi o responsável pela interligação das unidades museológicas vinculadas à SEC, através de um sistema comum, utilizando normas e padrões que permitiram um melhor gerenciamento de seus acervos.

Em novembro de 2013, a SEC, recebeu novamente recursos da OI, através da Lei de Incentivo à Cultura, para dar prosseguimento ao Projeto Rede de Museus, agora denominado **Rede Web de Museus**. O novo projeto visa estabelecer uma política estadual integrada e colaborativa para os museus do Estado do Rio de Janeiro facilitando o compartilhamento e gerenciamento de informações relativas aos acervos destas instituições.

Em 21 de maio de 2014 foi criada oficialmente, a **Rede Web de Museus do Estado do Rio de Janeiro**, através da Portaria no. 513 da Fundação Anita Mantuano de Artes do Estado do Rio de Janeiro (FUNARJ). A **Rede** tem como principal objetivo oferecer uma infraestrutura gerencial, tecnológica e de padronização que permita dinamizar a gestão cooperativa sobre os acervos dos museus do Estado, tendo em vista a ampliação do acesso, a oferta dos serviços integrados e a presença na Web. Para isso, dispõe de um conjunto de instrumentos normativos, metodológicos,

tecnológicos e gerenciais e do portal unificado de consulta pública para disponibilizar aos seus colaboradores.

A política e o fomento implícitos na proposta da Rede partem do pressuposto que, com seus próprios recursos, a presença de um museu na Web envolve tecnologia, expertise e custos bastante significativos. Ao fomentar estes recursos e torná-los disponíveis aos museus do estado, a Rede se constitui num instrumento político para fomentar a ampliação do acesso a estes acervos, a oferta de serviços integrados e a presença na Web desses acervos. Iniciada em 2008 a partir dos museus pertencentes à SEC/RJ, hoje a Rede inclui mais de 40.000 peças, com suas imagens, de acervos de museus do estado. Museus como o Museu das Telecomunicações Oi Futuro, um museu privado, o Museu Histórico da Cidade (MHC), pertencente a Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, o Museu Casa Scliar, de Cabo Frio, o Museu Internacional de Arte Naif (MIAN) e Centro de Documentação da Fundação Theatro Municipal do Rio de Janeiro são alguns dos museus que estão em negociações para ingressarem na Rede.

A adesão à Rede de Museus poderá ser feita de duas formas: colaborativa e plena. A adesão colaborativa destina-se às instituições que possuem um Sistema próprio de documentação, mas que passam a integrar de forma COLABORATIVA a **Rede Web de Museus**. Os dados dos sistemas dessas instituições – um conjunto básico de campos de catalogação e suas imagens – são migrados para o SISGAM e passam a ser disponibilizados no portal da Rede. Membros colaboradores participam da Rede e agregam seus acervos ao portal, permitindo a pesquisa integrada nas coleções suas a partir da ferramenta de busca do portal, proporcionando assim novas opções de curadoria, de pesquisa e de geração de conhecimento.

A adesão plena destina-se às instituições que não possuem sistema próprio de documentação e gerenciamento de acervo, que passam a integrar de forma plena a Rede, como usuárias do SISGAM, utilizando não somente sua ferramenta de busca sobre a base de dados coletiva de acervos, mas também suas funções de acesso restrito, destinadas ao gerenciamento de acervos.

A Rede se baseia em normas comuns de tratamento de acervos museológicos. Um conjunto de 28 campos, vários dos quais são repetitivos, compõe a ficha de descrição dos objetos museológicos no SISGAM. Além destes 28 campos, cada ficha pode incluir uma ou mais imagens de cada peça.

Imagens digitais das peças e o registro sistemático de informações sobre as mesmas, como são proporcionados pelos campos descritivos do SISGAM, além de viabilizarem a disponibilização dessas imagens através da Web, contribuem também para a segurança dos acervos e para sua preservação. Hoje muitos museus interessados em participar da Rede, não têm ainda seus acervos, ou pelo menos seus “destaques”, digitalizados. O Instituto Getty prevê e recomenda um padrão mínimo de campos de descrição de peças museológicas, denominado Object ID (<http://ar->

chives.icom.museum/objectid/about.html), que permite identificar inequivocamente uma peça, incluindo também uma ou mais imagens da mesma. O Object ID é uma iniciativa que visa evitar roubos e o comércio ilegal de objetos roubados, inventariando e catalogando peças que pertençam ao patrimônio cultural de diferentes museus e países. Os 28 campos descritivos do SISGAM incluem todos os campos previstos no Object ID.

Outro instrumento chave usado para compatibilizar a descrição das peças dos diferentes museus da Rede é o Thesaurus de Acervos Museológicos, desenvolvido por Helena Dodd Ferrez e Maria Helena Bianchini (1987) em projeto financiado pelo Ministério da Cultura/Fundação Pró-Memória. O Thesaurus é um dicionário de termos que designam as peças dos diferentes acervos museológicos, termos estes organizados em grandes categorias e subcategorias, como 02 ARTES VISUAIS/CINEMATOGRAFICAS (subcategorias 02.2 DESENHO, 02.3 ESCULTURA, etc.), 12 OBJETOS PESSOAIS (subcategorias 12.1 ACESSÓRIOS DE INDUMENTÁRIA, 12.3 ARTIGO DE TOALETE, etc.). As categorias do Thesaurus, ao serem empregadas na classificação/descrição das peças dos diferentes museus da Rede, têm um papel fundamental ao agregarem registros de peças de diferentes acervos; vários museus do estado possuem acervos de objetos de arte, ou de objetos de pessoais, ou de mobiliário, por exemplo.

A perspectiva da incorporação de novos museus na Rede torna necessário expandir o Thesaurus. Esta em desenvolvimento no âmbito da Rede, com esta finalidade, um projeto que criará três categorias adicionais para o Thesaurus: Vestuário, Ciência e Tecnologia e Documentos; no mesmo projeto também será expandida e reformulada a atual categoria do Thesaurus de Artes Visuais, de modo a dar conta das novas manifestações de arte contemporânea como instalações, arte digital, Web art, etc., não previstas no Thesaurus.

4. A PLATAFORMA TECNOLÓGICA DA REDE

A plataforma tecnológica da Rede, o SISGAM, é um sistema que oferece dois conjuntos básicos de funcionalidades. Em primeiro lugar o sistema se constitui num mecanismo de busca sobre a base de dados de acervos museológicos onde estão armazenados fichas de objetos museológicos, associadas a uma ou mais imagens das peças correspondentes. Esta base de dados é separada por acervos de cada museu, permitindo assim que a base seja compartilhada por acervos de vários museus. Através de uma ferramenta de busca a base pode ser pesquisada por palavras-chave que correspondem ao conteúdo de todos os campos da ficha museológica, como tipo de objeto, título, autor, material, técnica, descrição, data, etc. Muitos dos campos tem seu conteúdo controlado, através de tabelas do sistema, como: tipos de objetos, autores, materiais, técnicas, etc.

A interface de busca do SISGAM pode ser vista na figura seguinte.



O SIGAM também possui um conjunto de funcionalidades voltado para a gestão de acervos museológicos. Estas funcionalidades estão disponíveis somente para acesso restrito, isto é, aos usuários cadastrados no sistema. Existe um conjunto de funções para manutenção do cadastro de usuários. São 4 tipos de usuários, com diferentes direitos de acesso às funções do sistema: administrador, com direito de acesso a todas as funções e a todos os museus; administrador de entrada de dados de um determinado museu, que supervisiona o registro das fichas das peças, controla a qualidade dos dados entrados e libera a ficha de uma peça para acesso externo através da Web; catalogador, que registra as fichas das peças de um determinado museu; e pesquisador externo, que pode consultar todos os museus, emitir relatórios, mas não tem permissão de alterar nenhum dado registrado no sistema.

Através das funcionalidades de acesso restrito curadores, museólogos e documentalistas têm a sua disposição funções como registro das peças, manutenção das tabelas de padronização do sistema, registro das transações ocorridas em cada peça, emissão de relatórios diversos.

A base de dados do SIGAM está dividida em dois tipos de registros: registros de fichas de objetos e, vinculados a estes, registros de transações ocorridas numa determinada peça. O sistema prevê a possibilidade de registrar, para cada ficha museológica, as transações ocorridas no objeto. Estão previstos os seguintes tipos de transações: avaliação do estado de conservação, avaliação monetária, conservação/restauração, empréstimo, participação em exposições, baixa do acervo. As diversas transações ficam agregadas à ficha do objeto, permitindo ao gestor registrar e consultar todas as ocorrências relacionadas à peça ao longo de sua vida.

Complementam a base de dados tabelas com valores para padronizar o registro das peças.

Existem tabelas para autores, atividades dos autores, materiais, técnicas, forma de aquisição, classe genérica e específica (retirado do Thesaurus de Ferrez e Bianchini), etc.

As funções para gestão de acervos do SISGAM, de acesso restrito, podem ser vistas na seguinte figura.



Estão previstos futuros desenvolvimentos na plataforma SISGAM, no sentido de facilitarem o acesso aos acervos dos diferentes museus da Rede e potencializarem seu uso cultural e educativo. Por exemplo, a atual interface de busca por palavra-chave não permite tirar partido de todas as potencialidades de agregação de acervos proporcionadas pelas categorias e subcategorias do Thesaurus, uma vez que a estrutura de categorias e subcategorias do Thesaurus vêm sendo usada somente internamente, para o classificar as fichas dos objetos museológicos; o usuário externo que acessa a Rede através da Web, não tem visibilidade sobre estas categorias e subcategorias sob as quais os diferentes acervos estão classificados. Planeja-se complementar a ferramenta de busca do portal da Rede Web de Museus do Estado do Rio de Janeiro, fornecendo aos usuários a opção de “navegação” pelas categorias do Thesaurus. Seriam incluídas no portal a hierarquia de categorias do Thesaurus, a exemplo das estruturas de “navegação” por categorias como as disponíveis no sítio do Victoria and Albert Museum, <http://collections.vam.ac.uk>. Com isto usuários poderiam “navegar” por estas categorias, escolher uma categoria e recuperar fichas de peças correspondentes, disponíveis em acervos de diferentes museus.

Às facilidades de recuperação de informações proporcionadas pela ferramenta de busca do portal da Rede planeja-se também agregar facilidades de salvar informações sobre um tema

específico, recuperadas no portal da Rede e a possibilidade de usá-las para a criação, por parte de curadores ou professores, de exposições, ou aulas “virtuais”. Conjuntos de fichas sobre temas específicos e suas imagens salvas seriam identificadas através de um título, teriam um “link” permanente e poderiam ser posteriormente acessadas, a partir de uma lista existente no portal da Rede. O público em geral ou estudantes poderiam assim “percorrer” a exposição ou aula “virtual”. Às fichas de uma exposição ou aula “virtual” poderiam ser agregados também comentários ou textos elaborados pelo curador/professor, enriquecendo assim o seu potencial educativo e potencializando as sinergias existentes entre os acervos dos diferentes museus da Rede.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Rede Web de Museus do Estado do Rio de Janeiro está em fase de implantação e institucionalização. Pretende-se que a Rede tenha mecanismos e fóruns próprios de gestão. Assim a Rede ampliará suas oportunidades de se desenvolver, de desenvolver projetos e de obter mais fomento para os museus do estado.

Fomentando a cooperação, a adoção de padrões, a plataforma tecnológica, a hospedagem da base de dados e a presença na Web, a SMU/RJ, através da Rede, vem contribuindo efetivamente para que museus do estado que, por seus próprios meios, levariam muito tempo e despenderiam/duplicariam recursos, possam fazer sua transição para o uso da Web como mecanismo para disseminarem seus acervos de forma segura e suave.

O trabalho cooperativo em rede é uma experiência nova no Brasil. A Rede abre caminho para que os museus explorem todas as potencialidades e sinergias do trabalho cooperativo e tirem partido das oportunidades trazidas pelas tecnologias de informação.

NOTAS

¹ PRODERJ, Centro de Tecnologia da Informação e Comunicação do Estado do Rio de Janeiro, <http://www.proderj.rj.gov.br/>.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREZ, Helena Dodd; BIANCHINI, Maria Helena S. THESAURUS para acervos museológicos. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória, 1987.

HSI, Sherry. The Electronic Guidebook: A study of user experiences using mobile web content in a museum setting. In: Wireless and Mobile Technologies in Education, 2002. Proceedings. IEEE

International Workshop on. IEEE, 2002. p. 48-54.

AUTOR. “Linked data” – dados interligados – e interoperabilidade entre arquivos, bibliotecas e museus na web. Encontros Bibli, v.17, p.171-192, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2012v17n34p171>>. Acesso em: 24 maio 2013.

RINEHART, Richard. MOAC – A Report on Integrating Museum and Archive Access in the Online Archive of California. DLib Magazine, v. 9, n. 1, 2003. Disponível em: <<http://www.dlib.org/dlib/january03/rinehart/01rinehart.html>>. Acesso em: 13 fev. 2010.

